



**COMENTÁRIOS DA SEMANA: UMA ANÁLISE DAS CRÔNICAS JORNALÍSTICAS DE MACHADO DE ASSIS**

Thainá Aparecida Ramos de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Agnaldo Rodrigues da SILVA<sup>2</sup>

**Resumo:** Este breve estudo procura percorrer os encaixos da escrita machadiana, mais precisamente a jornalística, e extrair dela os aspectos que moldaram a estética do autor. Para tanto, utilizaremos a seção *Comentários da Semana* como forma de captar elementos norteadores e conteúdos recorrentes em seu estilo literário e jornalístico.

**Palavras-chave:** Machado de Assis, crônicas, *Comentários da Semana*.

**Abstract:** This brief study attempts to go through the Thralls of Machado's writing, specifically the news, and extract from it the aspects that shaped the aesthetics of the author. To this end, we will use the comments section of the Week as a way to capture guiding elements and recurring content in his literary and journalistic style.

**Keywords:** Machado de Assis, chronic, *Comments of the Week*.

Quando nos defrontamos com textos de imprensa, ficam perceptíveis os fatos da linguagem inerentes a tais produções. A partir do contato com esses escritos conseguimos inferir pressupostos linguísticos e sociais, dito de outra forma e parafraseando Miné (2000), os jornais são produções da linguagem, por meio das quais a realidade é atualizada e transformada em fato linguístico. Recorrendo a outro teórico para reforçar essa ideia, temos Benveniste, ao afirmar que a realidade é reproduzida por meio da linguagem. No que tange, ao processo de leitura, cabe ressaltar que não se trata de um procedimento inocente, pois implica lançar mão de algumas competências; tais como: cultural, ideológica e linguística. Esse preceito comunga com a visão de Iser a luz da Estética da Recepção, na qual é postulada a participação do leitor para complementar os sentidos do texto com base nos conhecimentos e competências que este dispõe.

Assim, estudar os textos de imprensa, nos conduz a um tempo e a um espaço onde visualizamos os acontecimentos sociais da época, a julgar pelo fato de que cada texto jornalístico mobiliza um aspecto da linguagem, o que de certa forma confere maneiras dicotômicas de conceber um jornal ou revista. Isso, nos direciona para o que Miné chama de “filtro suplementar”, ou seja, tipologias dicotômicas que incidem nas escolhas linguísticas. Nesse processo, o leitor atua como participante que dá respostas ao texto lido. Aos que leem

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários/UNEMAT. Bolsista FAPEMAT/ CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa em Estudos da Arte e da Literatura Comparada.

<sup>2</sup> Pós-doutor em Letras, área de Literatura. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso, Programa de Pós-graduação em Estudos Literários.



os jornais ou revistas de tempos pretéritos temos a representatividade de um observador, pois os textos de imprensa apresentam certos “esquemas interpretativos” que possibilitam ao leitor observar e apreender as informações necessárias.

Um acontecimento eminente que incidiu nos textos jornalísticos foi a ampliação do público leitor, uma vez que, esse aspecto passou a intervir na vida social. Assim, a imprensa atuava em dois eixos; de um lado tínhamos a função de entretenimento e do outro a função crítica, ou seja, distrair e refletir sobre a sociedade, respectivamente.

Os jornais e as revistas sempre foram uma forma de comunicação com o público, por isso o fato de muitos artistas virem na imprensa o caminho para elevar seu nome perante os leitores. O Jornalismo, portanto, era uma espécie de carreira que se dava paralelamente a atividade literária.

A respeito dessa estreita ligação entre a literatura e o jornal é imprescindível considerar o fato de que os primeiros jornalistas de nosso país eram escritores. Isso se justifica, em grande parte, por conta da transição do livro para o jornal, em razão, sobretudo, das travessias políticas e sociais vivenciadas. Referimo-nos da transferência do imperialismo para a República, fato que incidiu no desenvolvimento intelectual, pois era a aristocracia que mantinha e financiava tais atividades. No interior dessas mudanças podemos encontrar imersos os avanços econômicos, sociais e, sobretudo tecnológicos. A velocidade para produzir informação é apontada como um fruto dessas transformações.

Diante desse cenário, de intensas movimentações, os produtores intelectuais não poderiam se manter estáticos, e por isso, tiveram que migrar para outros setores, como o jornalismo.

Esses elementos convergiram para que os autores se tornassem dependentes dos jornais na tentativa de estabelecer um público leitor. Assim, o jornalismo era o caminho de acesso para manter contato com a cultura dos grandes centros e corolários disso os escritores tiveram a oportunidade de atingir o público e consolidar seu nome.

Pelo gênero denominado crônica a migração para o jornal permitiu a adaptação ao novo espaço, constituindo, desta maneira uma linguagem simples que incidisse de forma mais direta na sociedade.

O jornal apresentava uma facilidade maior de percorrer a sociedade, o que despertou a atenção dos grandes escritores, como foi o caso de Machado de Assis. Este autor afinou seu olhar e se adaptou simultaneamente a um novo gênero e a um novo espaço. Em seus escritos



podemos perceber a transitoriedade social e as marcas deixadas, pois no alvorecer de sua escrita, notamos a crítica feita de forma irônica e reflexiva.

Diante desses argumentos, interligando as vias literárias e jornalísticas, objetivamos inquirir algumas crônicas de Machado de Assis a fim de perceber a confluência destas áreas de atuação.

Falar de Machado de Assis é sempre um desafio haja vista a grandiosidade deste autor. Escritor híbrido, que perpassou diversos gêneros, desde o jornalístico até o literário. Devido ao fato de ter sido consagrado como romancista, é mais comum vermos as suas obras literárias em destaque. No entanto, vale destacar sua participação como escritor na imprensa periódica brasileira.

Reitera-se a importância da imprensa periódica no século XIX e a estreita ligação com a literatura, haja vista a participação de escritores nos jornais. A respeito das crônicas, Antonio Candido (1992) disserta de maneira satisfatória afirmando que o fato da crônica ter sido designada como um gênero menor não a desprestigiou, muito pelo contrário, fez com que ela tivesse uma proximidade maior com o leitor. Tal gênero não foi responsável pelos grandes feitos da literatura, mas “Por meio dos assuntos, da composição aparentemente solta, do ar de coisa sem necessidade que costuma assumir, ela se ajusta a sensibilidade de todo o dia.” (CANDIDO. pg.13)

Recorrendo a sua tese sobre o caráter humanizador da literatura, o referido teórico, ressalta que é justamente esse fato que aproxima o gênero do público leitor e conseqüentemente provoca a humanização. A crônica se consolidada naquilo que o Antonio Candido irá chamar de *rés-do-chão*. Nas palavras “despretensiosa, insinuante e reveladora” é que residem à importância de tal gênero.

Nas crônicas machadianas, visualizamos um grande interprete e conhecedor do Brasil. Através da ironia, Machado de Assis faz críticas e analisa os episódios ocorridos no país. Para evidenciar essa faceta escolhemos três crônicas escritas pelo autor para o jornal *Diário do Rio* nas páginas intituladas *Comentários da Semana*. Esses textos estão compilados no livro organizado por Lucia Granja e Jefferson Cano, cujo título segue o mesmo da seção.

A escolha dessas crônicas se deu justamente por elas mostrarem o papel de Machado na imprensa, sobretudo as questões políticas e sociais que emanam da sua escrita. No texto *Momento e Política: os Comentários da Semana de Machado de Assis*, Marco Cícero Cavallini, apresenta alguns apontamentos importantes que revelam as circunstâncias da escrita de tais comentários. O estudioso salienta, e traz elementos que conferem essas



conjunturas, que o jornal *Diário do Rio* era um órgão de opinião liberal e os *Comentários da Semana* pertenciam as series de artigos escritos por Machado de Assis de outubro de 1861 a maio de 1862, contendo 20 crônicas. O jornal ainda contou com mais duas séries de textos: *Ao acaso* com 32 folhetins e *Semana Literária* com 30 artigos.

Foi no *Comentários da Semana* que o engajamento na escrita machadiana se consolida. Pode-se dizer, portanto, que Machado era uma espécie de jornalista político. Cavallini (2005) ressalta que:

A influência, na obra mais consagrada de Machado de Assis, da experiência como redator, por quase sete anos, em um jornal que serviu como instrumento de reavivamento dos ideais liberais na corte foi quase que totalmente desconsiderada pelos estudiosos. Recuperar a relação entre esses anos no jornalismo militante e a formação literária de Machado de Assis é necessário para se compreender melhor não só a crítica social e política embutida em sua produção ficcional, como também as diversas ligações da política com a imprensa e a literatura da época. (p. 302)

E ainda na visão desse autor, a chave para ler e compreender as crônicas do século XIX está justamente no fato de considerar Machado e os outros como sendo um grupo coeso que colocava o jornalismo em uma posição central.

Nota-se que o tempo de escrita dos *Comentários da semana*, foi relativamente curto, de outubro de 1861 a maio de 1862. É justamente essa brevidade, e também alguns elementos afixados no interior das crônicas, que se tornou motivos de especulações por parte da crítica. Questionam-se a respeito da suposta censura sofrida por Machado, já que das linhas e entrelinhas de seus comentários emanavam uma forte crítica da sociedade carioca do século XIX.

Para tratar dessa questão precisaríamos realizar um estudo mais sistemático e analítico de todas as crônicas vinculadas nessa seção, mas a brevidade desse estudo e a temática a que propusemos nos restringe. No entanto, podemos dizer, sumariamente, que o teor político sempre encontrou uma fresta para enveredar na escrita Machadiana.

Antes de mais nada, é importante frisar, que embora as primeiras crônicas machadianas não tenham o mesmo rigor estético do que os seus trabalhos subsequentes, elas apresentam um eixo norteador para o que viria garantir a maestria de sua escrita. Os *Comentários da semana* tiveram um curto período, mas isso não significa que a carreira jornalística de Machado tenha findado junto com a seção, muito pelo contrário. O autor continuou por um longo tempo prestando serviços a imprensa, o que de certa maneira, possibilitou o aprimoramento de sua técnica, não somente jornalística, mas literária também.



Adentrando em nosso corpus de análise, a primeira crônica selecionada foi a de “Sábado, 12 de outubro de 1861”<sup>3</sup>. Neste texto, Machado inicia com o relato de como foi divulgada a notícia a respeito de uma cartomante, o qual ele refere como sibilas. Após expor sua opinião a cerca desse episódio, o jornalista passa a discorrer sobre o assunto principal de sua crônica. Vale destacar, que para isso, Machado faz uma interrupção e convoca o leitor a participar através de suas “lentes morais”.<sup>4</sup>

Vejamos como ele escreve:

...e o fim particular que levo nas linhas aí ficam escritas é pedir –vos que, com o auxílio da vossa poderosa lente moral, me designeis qual a sorte desses comentários que vou fazer aos comentários da semana. Se for boa a predição, tornar-me-ei forte; se contraria for, quebrarei a pena e me recolherei à tenda, como o velho guerreiro, sem me queixar de ninguém. (p. 55)

A evocação do público para a apreciação do que escreve é claramente perceptível e a partir disso visualizamos um “salto mortal” no assunto. O fato seguinte que ele passa narrar é a apresentação da companhia francesa de ópera de Auber *Les diamants de la couronne*. Machado descreve a ópera, o comportamento da plateia diante ao espetáculo e desta maneira, contemplamos indiretamente uma crítica ao autor do texto cênico, Scribe, pois segundo o jornalista, o teatrólogo evoca muitos assuntos e isso é prejudicial ao andamento da apresentação. A respeito do comportamento dos espectadores, a advertência se dá pelo fato de muitos aplaudirem o espetáculo sem usufruir da diversão e nem ao menos compreender o que estão assistindo. Aplaudem somente para manter um status de apreciadores do teatro, portanto, pessoas cultas.

O momento em que as advertências Machadianas se efetivam é quando o autor compara a reação do público com um fato ocorrido na sociedade. Trata-se do episódio da regata, em que foi fechado um dique na ilha de cobras poucos dias após sua inauguração devido a problemas no escoamento da água. Para mascarar isso, fizeram uma regata, que também não obteve êxito devido à chuva e a distância que atrapalharam a diversão e visualização dos expectadores.

Para encerrar essa crônica, Machado retoma a sua posição de crítico do teatro e convida o leitor à assistir a peça *História de uma moça rica* para que possa verificar se as críticas referentes a ela realmente conferem.

---

<sup>3</sup> Essa demarcação no início de cada crônica foi proposta pelos autores do livro compilado.



Observamos que o pontapé inicial dessa crônica é um fato ocorrido, mas não fica apenas no plano da descrição, pois Machado conduz o leitor a refletir, diante as questões colocadas. Temos, portanto, uma crítica social e, sobretudo política, uma vez encontra-se em eixos distintos, de um lado os governantes que tentam mascarar uma realidade propiciando falso divertimento e de outro a população que se mantém neutra e hipócrita diante dos acontecimentos. Ironia e crítica perfazem o trajeto do texto e conduzem o leitor a percorrer as práticas culturais e os atos políticos inerentes da sociedade. Machado parte de um aspecto cultural para efetivar uma crítica dos amalgamas do país.

Na crônica da semana seguinte (sexta-feira, 15 de outubro de 1861) o jornalista da continuidade a esse procedimento e amplia o comentário que sugere na crônica anterior. Inicia falando sobre as sibilas, as decisões dos místicos e sua cresça no oráculo; e logo em seguida passa a discorrer sobre a temática principal do seu texto. O comentário que antevem ao assunto está carregado de ironia e crítica como se pode notar:

Não que tenha de introduzir desaforos nestes singelos e inocentíssimos comentários, mas porque a tolice humana sempre se rebelou contra tudo o que não a lisonjeia, e eu não me acho disposto a tecer loas a essa deusa de todos os tempos.

As palavras *singelos* e *inocentíssimos* estão longe de caracterizar os comentários que Machado tece nessa crônica, aliás, não somente nessa como também nas demais. Assim como no texto anterior, após redigir as informações prefaciais, o autor passa a descrever o assunto principal de sua produção.

Machado assenta comentários sobre a peça *História de uma moça rica*. O episódio que segue a apresentação da peça foram os comentários feitos pelas beatas após assistirem ao espetáculo, pois elas esperavam se deparar com uma apresentação decente e que na realidade mascarasse alguns aspectos da sociedade. No entanto, elas assistiram a uma encenação que colocava as questões como de fato o são. A crítica que Machado faz não é ao escritor da peça, uma vez que ele até afirma que se fosse ele o teatrólogo a peça seria pior. As advertências do autor são aos beatos, pois se eles quisessem algo sem drama deveriam recorrer a outro gênero, como a crônica ou o sermão.

O cronista prossegue seus comentários narrando a presença da população fluminense em uma festa no Copacabana, evento que ocorreu anualmente desde que a aparição de uma baleia na praia conduziu as pessoas até o local levando-os a encontrar uma capela



abandonada. Esse evento fez brotar os sentimentos religiosos na população e em decorrência disso, a festa passou a ocorrer constantemente.

No dia marcado para mais uma das festividades, a população foi surpreendida com uma chuva e, nessa ocasião, Machado se encontrava a procura de notícias para expor aos leitores do jornal e, portanto não lastima sua ausência na festa. Prosseguindo a crítica para a questão religiosa, sobretudo para a figura dos beatos, o autor narra o episódio de um capitão austríaco no Brasil, pois na ocasião os membros da igreja não aceitaram as honras fúnebres ao capitão de Cauvou por ele ter sido contra aos designios da igreja. Machado critica essa negativa, pois demonstra “fanatismo e atraso”. A crônica é encerrada com a sugestão de outra peça, para que o leitor possa apreciá-la e tirar suas conclusões.

Nota-se que nesta crônica, o autor narra diversos episódios que no final convergem para uma crítica aos beatos e ao falso moralismo que emana das atitudes decorrentes do fanatismo e atraso em algumas questões. A respeito da estrutura, fica perceptível, que embora narre mais de um acontecimento, a crítica sempre irá se voltar para as observações de algum ponto chave. Essas duas crônicas ele assina com o pseudônimo de GIL.

O terceiro texto escolhido é o do dia 14 de janeiro de 1862 assinada com as siglas M.A.. Nesta crônica, o autor descreve três fatos em que estão implícitas as críticas políticas. O primeiro episódio narrado é sobre a história do Diógenes que saía com uma lanterna na mão a caça de homem. Esse episódio serve como parâmetro de comparação para Machado dizer ser desnecessário sair atrás de notícias, pois acha impossível no passar de sete dias não haver nem um episódio novo para narrar ao público. Feita essas observações, a narração ganha um novo rumo e ele passa a descrever o episódio do publicista casamenteiro que “jurou aos deuses fundir as republicas confinantes ao sul do império em uma monarquia e dá-la de presente a um príncipe da família imperial, não esquecendo de casá-lo com a Sra. D. Leopoldina.”

Machado caracteriza essa personalidade como sendo cômica, por querer aliar a realeza a liberdade. Nota-se ai, justamente o posicionamento político do próprio jornal para o qual o texto foi escrito. O autor sugere que o casamenteiro gostaria de tirar alguma vantagem desse fato, o que foi percebido pelo próprio governo que emitiu um escrito expressando o quão inconveniente eram as percepções do publicista.

Após essas informações, Machado argumenta que:

a conquista digna desse século de mutuo respeito entre os povos é aquela que resulta de certas identidade e afinidades tão flagrantes que divisão se torna um anomalia e a união uma necessidade de vida. Em tal caso não é conquista, é reparação.



A partir desses comentários, o cronista dá um salto e fala sobre o Sr. Candido Borges que declarou desconhecer os fatos apresentados por Machado em crônicas anteriores a data da que ora se escrevia. O jornalista se explica dizendo que foi alvo de um boato que ouvira em praça pública, mas salienta que o caso narrado não era ínfimo para que imprensa deixasse de tornar público, pois se fossem realmente infundados não haveria necessidade de reclamações do Sr. Candido. A crônica escrita por Machado, alvo de crítica falava sobre o favoritismo de membros da política e ele conclui que:

Para alguns há de servir a amizade política e ninguém se lembrar de pensar que, por uma questão de vinténs, o partido conservador sofresse amputação em um dos seus membros, e que membros eloquentes quando fala, eloquente quando não fala.

Com esse terceiro episódio, conseguimos notar uma reflexão a própria escrita jornalística, ou seja, tornar público os eventos ocorridos na sociedade, como o mesmo fizera nos dois primeiros episódios narrados. Por conta desse posicionamento informativo e ao mesmo tempo crítico, o jornalista também se torna alvo de críticas.

Dada a exposição dessas três crônicas, vale salientar que em ambas os textos, Machado parte, de um fato para que no fim possa analisar criticamente a sociedade brasileira do século XIX. Como afirma a professora Elizabeth Batista em artigo a Revista Ecos,

Por mais relevância que tivesse qualquer assunto concreto, em Machado de Assis, como vimos, o fato publicado em si tinha menor importância, o que interessava era a reflexão que esse fato provocava, pois o escritor conseguia extrair reflexões profundas de fatos corriqueiros, tocando a essência daquilo que observava com um meio riso de contemplação. E quase sempre esse riso trazia, implícita ou explicitamente, uma advertência. (pg. 39)

A respeito das duas últimas crônicas analisadas, mais precisamente a datada do dia *18 de outubro de 1861* e *14 de janeiro de 1862*, Machado apresenta uma técnica muito interessante no que confere a maneira de introduzir a escrita. Vejamos:

Decisão do oráculo- *A História de uma moça rica*: comentários dos beatos e comentários de GIL- Copacabana, a baleia e a chuva. – Um capitão de Solferino e o príncipe Maximiliano- Recusa do funeral a Cauvor- Batuta a Carlos Gomes- O rabequista Winen, e os *Mosqueteiros da rainha*. (18 de outubro de 1861)



Diogenes e o cronista- falta de noticia-o publicista casamenteiro- Ainda o Sr. Candido Borges. (Terça-feira, 14 de janeiro de 1862)

Como se pode notar, trata-se de uma pequena introdução do assunto antes de adentrar, propriamente, no corpo do texto. Essa técnica denomina-se de *lead* e caracteriza por ser uma ferramenta utilizada no jornalismo para conduzir a leitura, ou melhor, apresentar os elementos essenciais do texto. Tal procedimento demonstra, efetivamente, a importância que a transformação social teve na imprensa brasileira, pois na medida em que ocorreu o aumento populacional e o avanço em alguns setores, os agentes sociais passaram a ter a necessidade de acessar mais rápido as informações.<sup>5</sup> Encontramos, deste modo, a escrita Machadiana acompanhando as mudanças, tanto na sociedade, quanto no jornalismo.

Nota-se, portanto, que ao perscrutar as trilhas da escrita machadiana, penetramos em um universo crítico, em que a análise dos elementos sociais é um aspecto latente e intrínseco de sua temática. Outro elemento pertinente que salta aos nossos olhos é a relação dos textos jornalísticos com os textos literários Machadianos, dado que, a escrita irônica, o diálogo com o leitor são características marcantes nas crônicas e que o autor migrou para as obras literárias.

Para concluir, vale salientar que a escrita imanente do autor em estudo possibilita compreender o gênero crônica e os reflexos literários e informativos que advém do seu interior. Nas palavras de Cavallini (2005) “a crônica era uma revista, quase sempre semanal, dentro do próprio jornal, e o jornal e a crônica, eram parte das praças e das ruas em letras de forma para serem lidas e ouvidas.” (p. 333). O fato de estar localizada no interstício da praça e da rua denotam justamente a ligação com a sociedade, pois a crônica caminha discutindo e analisando os eventos sociais. No caso em específico das crônicas machadianas, em uma leitura atenta o leitor defronta com o Brasil do sec. XIX, os seus problemas, os dramas e anomalias da população

## Referências

BATISTA, Elizabeth. Entre impressões e opiniões: apontamentos sobre Machado cronista e a imprensa periódica no Brasil. IN: **Revista ECOS**. Edição nº 010 - Julho 2011

<sup>5</sup> Vale destacar que os *leads* sofreram alterações e atualmente se constituem, basicamente, de um parágrafo introdutório que requer a criatividade do jornalista para chamar a atenção aos elementos-chaves da notícia; apontando para as perguntas norteadoras: *o que, quem, quando e onde*.



CAVALLINI, Marco Cícero. Momento e Política: os comentários da semana de Machado de Assis. IN: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda (org.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da UNICAMP, 2005, pp. 299-340.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: **A crônica**: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil. Campinas/ Rio de Janeiro: Editora da UNICAMP/ Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992.

GRANJA, Lúcia e CANO, Jefferson. **Machado de Assis**. Comentários da semana. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

MINÉ, Elza. **Páginas Flutuantes**: Eça de Queiroz e o jornalismo no século XIX. Cotia. Ateliê. 2000.